



PRINCESA POR UMA NOITE CARLOTA CÂNCIO CANAS DEBUTOU EM JANEIRO NO CLUB PORTUENSE. APESAR DE SER DE LISBOA, ESCOLHEU O PORTO PARA O BAILE. PÓS AS FOTOS NO FACEBOOK. OS AMIGOS BRINCARAM: "CASASTE E NÃO DISSESTE NADA?"

O primeiro baile

É um ritual de outros tempos, quando se apresentavam as meninas à sociedade, marcando a sua passagem para a idade adulta. Mas ainda há bailes de debutantes. E quem queira ser Cinderela por uma noite

TEXTO DE KATYA DELIMBEUF

É uma noite de princesas. Vestidas de branco virginal, tiaras no cabelo, jóias de família usadas pela primeira vez, as meninas entram no salão de baile, onde o brilho dos candelabros é ofuscado apenas pelo da ocasião. A sala está cheia. De famílias, de gente bem vestida, de ‘sociedade’ que tirou os casacos de peles do armário. Nalguns casos, até de príncipes. Estão todos ali para as verem. Pela mão do pai, entram, nervosas, ao anúncio do seu nome. Percorrida a distância até à mesa de honra, fazem uma vénia e dão meia volta, sob uma chuva de palmas. Depois, já menos nervosas, tornarão a entrar para dançar a primeira valsa com o pai, dando uso aos meses de aulas que tiveram para se apresentarem aqui. Nesta noite, elas são quase noivas. São

o centro das atenções. Experimentam pela primeira vez os preparativos duma festa, os ensaios do vestido, o penteado, a dança... No fim da noite, só não deixam um sapatinho perdido na escadaria por mero acaso. E porque o debute, como é conhecido o baile de debutantes, nunca termina à meia-noite — mas sim a altas horas da madrugada.

‘Antigamente’, o baile de debutantes revestia-se de todo um significado social que hoje já não existe. Era a forma de apresentar as meninas das famílias nobres à sociedade, aos 15 anos, marcando o início da sua vida social e o facto de poderem começar a frequentar ambientes mais adultos, a namorar... Na altura do primeiro baile de debutantes, em 1877, em Viena de Áustria — que ainda é o mais prestigiado da Europa, a par do baile de Crillon, em Paris, mais aberto —, debutar (do francês *débuter*, que significa ‘prin-

cipiar’) era um passo obrigatório na vida de uma menina que quisesse casar bem. Hoje, com o esbater das diferenças entre classes sociais, o debute passou a ser opção, tradição familiar, festa. Primeiro baile.

Mafalda Bravo (hoje Mafalda Gonçalves) lembra-se bem da excitação dos preparativos para o seu baile de debutantes, em 1993. “A ideia de um baile de gala, onde nos íamos vestir de princesas, com tiaras... Nessa idade, não saíamos à noite. Para nós, era a primeira festa, o primeiro vestido comprido, o primeiro baile com um rapaz, o aparato de ir ao cabeleireiro, várias vezes, ensaiar o penteado...” Mafalda foi uma das 49 meninas que debutaram na Quinta da Penha Longa, com honras de capa da revista “Olá Semanário” e sob o título “O Baile do Ano”. Foi um dos últimos debutes de relevo na zona de Lisboa. Depois, o fenómeno perdeu força. Deixou de



se ouvir falar em bailes de debutantes — excepto no Porto, onde se continuam a realizar todos os anos. Em 1993, debutaram dezenas de meninas de boas famílias: nomes como os de Joana e Filipa Champalimaud, Maria e Matilde Queiroz Pereira, Diana de Cadaval, Matilde Horta e Costa, Joana Balsemão, Mariana Van Zeller, Maria Ricciardi, Caetana Corrêa de Barros, Maria Ana Dinis, Sofia Brion, Marta Aragão Pinto e Vanessa Salgado, entre muitos outros apelidos sonantes,

desfilaram numa festa organizada pelo Prémio Infante D. Henrique.

Para Mafalda, a ideia de debutar nasceu por influência do seu grupo de amigas. Acabada de sair do Liceu Francês e a frequentar o Rainha D. Amélia, as suas melhores amigas eram as manas Champalimaud. E tanto elas como o seu grupo de férias do Algarve iam debutar. Pediu à mãe para debutar também. Foi esta quem acabou por lhe explicar a parte da “apresentação à sociedade”, a que ela não deu

na altura qualquer importância. Muito mais empolgantes eram “as aulas de dança com uma bailarina estrangeira, Nina”, para aprender a valsa, ou a execução do vestido, “segredo até à última hora”, escolhido pela mãe e mandado fazer a uma costureira. “Era branco, com decote em losango, debruado a pérolas, de alças”, recorda. “Eu estava muito nervosa. Ia muita família minha e do meu par, um amigo de longa data. E estavam lá muitas revistas, que nos pediam para tirarmos fotografias num

Cinco gerações de debutantes

BENEDITA ORTIGÃO
ENTRA NO SALÃO DO CLUB PORTUENSE PELA MÃO DO PAI NO SEU DEBUTE EM 2010. EM BAIXO, NO BAILE DA PENHA LONGA DE 1993, OS PARES DAS MENINAS QUE DEBUTARAM LEVAVAM UMA VELA PARA OFERECER. AO LADO, MAFALDA BRAVO NUMA FOTOGRAFIA ANTES DO BAILE

cenário, com guitarras... Depois, chamavam-se os nomes das meninas ao microfone. Entrávamos com o nosso pai, fazíamos uma vénia aos convidados — onde estava o duque de Bragança, o príncipe Eduardo de Inglaterra e o secretário de Estado da Cultura de então, Pedro Santana Lopes — e saíamos. Voltávamos para dançar a valsa com o pai, e seguia a festa.”

Hoje, a professora de inglês, de 32 anos, casada e com dois filhos, recorda melhor o debute da irmã Inês que o dela, mas sabe que se divertiu imenso. E, embora acredite que isso vai acontecer, lamenta que esta tradição se perca, porque o baile deixou-lhe muito boas recordações. Para ela, que tem uma filha, far-lhe-ia sentido que esta debutasse no contexto de um grupo de amigas. Mas tem as suas dúvidas: “As miúdas com 15 anos, hoje, já fizeram tudo. Não têm nada a ver com a nossa época. Portanto, até que ponto é que elas próprias não achariam isto ridículo?”

De menina a mulher. Seria uma dúvida razoável, até porque há mais de uma década que Lisboa não assiste a um baile de debutantes, mas Carlota Câncio Canas vem desfazer essa ideia. Aos 16 anos, a estudante do Colégio São João de Brito (uma escola privada de ensino religioso, bem cotada e tradicional) debutou no passado dia 16 de Janeiro. Mas escolheu o Porto para o fazer. Foram uns amigos de lá que a incentivaram a debutar no Club Portuense. Todos os anos, o baile decorre em Janeiro, com entrada restrita a sócios. Assumidamente elitista e exclusivo, não é qualquer um que pode tornar-se sócio. As candidaturas são votadas através de sistema de bola preta e bola branca. Também para Carlota foi marcada uma reunião no Club, para saber se poderia ser apresentada lá. Foi aceite. “Fomos muitíssimo bem recebidos”, partilha Isabel Câncio, mãe de Carlota. “Reencontrei no Club Portuense uma elegância e uma naturalidade que me fizeram recuar a outros tempos.” Para ela, que não tinha sequer equacionado a hipótese de a filha debutar, o balanço foi extremamente positivo. “Nos dias de hoje, vejo o debute como uma forma de se manter uma certa ilusão perante a vida. O que é que leva uma menina desta época a entrar numa sala lindíssima, vestida de branco, pela mão do pai? Essa ilusão”, considera.

A filha completa: “Sempre achei a ideia do debute gira, apesar de não ter nada a ver com as minhas saídas nocturnas para Santos. É um baile a que vou de vestido comprido. Mas tem valores que me fazem sentido”, garante. “Fiz o debute, e isso teve a importância que



ANOS 50 BAILE DE 9 DE JANEIRO DE 1943, NO CLUB PORTUENSE: 12 MENINAS DEBUTARAM NESSE TEMPO. ENTRE OS APELIDOS MAIS SONANTES, ESTÃO BRITO E CUNHA, SOTTOMAYOR E MAGALHÃES BASTO



ANOS 60 7 DE JANEIRO DE 1967. NO SALÃO DE BAILE DO CLUB PORTUENSE, 17 MENINAS DEBUTARAM. OS PENTEADOS VOLUMOSOS ESPELHAM A DÉCADA. TALONE, PINTO E MELO, PAIVA BRANDÃO E MONTENEGRO SÃO ALGUNS DOS SOBRENOMES



ANOS 70 UMA DÉCADA CONTURBADA PARA OS BAILES DE DEBUTANTES. ESTE, DE 11 DE JANEIRO DE 1974, FOI O ÚLTIMO ANTES DA REVOLUÇÃO. DE 1975 A 1982, OS BAILES FORAM INTERROMPIDOS NO CLUB PORTUENSE



ANOS 80 BAILE DE 7 DE JANEIRO DE 1989. FOLHOS E “FROUFROUS” ATESTAM A MODA DOS ANOS 80. 12 MENINAS DEBUTARAM, MAS JÁ NÃO VÊM IDENTIFICADAS INDIVIDUALMENTE NO LIVRO DO CLUB



ANOS 90 NA ESCADARIA DO CLUB PORTUENSE, É PERCEPTÍVEL O AUMENTO SUBSTANCIAL DO NÚMERO DE MENINAS QUE DEBUTAM. NESTE ANO, FORAM 30 A QUEREREM CUMPRIR ESTE RITUAL DE PASSAGEM



ANA BAIÃO

Às 7h45 da manhã, saídas do baile, foram directas para o pequeno-almoço, de vestido de gala

teve. Não foi para arranjar marido...” Pôs as fotografias no Facebook — tiveram imenso sucesso. Os seus amigos escreveram comentários como: “Então casaste e não disseste nada?” “Quanto às minhas amigas, tanto houve as que ficaram com vontade de debutar como as que acharam uma snobeira ser apresentada à sociedade no século XXI”, partilha.

Para mãe e filha, os preparativos para o baile ficaram como uma espécie de bolha, suspensa no tempo, no meio da confusão e da azáfama das suas vidas em Lisboa. Nas semanas anteriores, foram várias vezes ao Porto, para os ensaios da valsa vienense. Iam de comboio, à sexta, jantavam no Club, passavam o sábado e voltavam no domingo à noite, de regresso aos trabalhos de casa, aos testes e aos negócios. “O sair das aulas a correr para os ensaios, para voltar a correr para as aulas, era uma espécie de passagem entre dois mundos”, conta Carlota. Na noite do baile, divertiu-se e adorou a experiência, do vestido romântico à pregadeira de família que lhe foi dada pela primeira vez. Reforçou a relação com o pai, que não se cansava de lhe dizer que estava lindíssima. “Nesse sentido, o debute foi também um regresso às minhas memórias mais antigas”, confidencia ela, que vive com a mãe desde os 3 anos, quando

os pais se separaram. “Foi a minha passagem de menina a mulher.” Às 7h45 da madrugada, a família Câncio abandonou o baile; foram directamente para o hotel tomar o pequeno-almoço, e Carlota tem fotografias suas, adormecida à mesa, no seu vestido branco, com uma multidão à porta a dizer que estava ali uma noiva...

No Porto, o debute é uma instituição. Na Invicta, numa determinada classe, debutar é tão natural como respirar. A tradição familiar ainda pesa muito, e o baile do Club Portuense acontece religiosamente em Janeiro desde os anos 50 — com excepção da interrupção entre 1975 e 1984, por causa da revolução. Para Maria João Oliveira, “o debute é uma conversa de Natal”. Por altura das festas, havia sempre a pergunta: “Quem é que debuta este ano?” “Aqui, no Porto, é uma coisa instituída. Quando uma menina vai fazer 15 anos, é sabido que vai debutar. E, a partir de uma certa idade, nós começávamos a sonhar com a noite do baile.” Na verdade, todas as mulheres da família de Maria João debutaram: “Das minhas tias, que têm 70 anos, às minhas primas, à minha irmã...”

A actual educadora de infância, de 35 anos, casada e com dois filhos, debutou em

REVIVER O DEBUTE

HÁ 17 ANOS, DEBUTARAM NA QUINTA DA PENHA LONGA. DA ESQ. PARA A DIR.: MARTA ARAGÃO PINTO, VANESSA SALGADO (EM BAIXO), SOFIA BRION, MATILDE HORTA E COSTA, MAFALDA BRAVO, MARIA ANA DINIS, CAETANA CORRÊA DE BARROS E MARIA RICCIARDI

1990. Há 20 anos. Frequentara o Externato Flori, cuja turma também debutou quase toda. “Na grande noite, chegada do cabeleireiro, comia-se uma refeição leve para não estragar a maquilhagem, vestia-se o vestido e saía-se para o Club, onde se chegava às 21h. A apresentação das debutantes acontecia uma hora depois.” Para ela, o debate foi um acontecimento fantástico. “Foi o abrir de portas para um mundo novo”, confessa, ao pensar na quantidade de pessoas que conheceu lá. “Nunca tinha visto tanta gente em toda a minha vida.” No salão de baile do Club Portuense e espalhados pelas várias salas, estavam cerca de 500 convidados.

“Maria João, acompanhada por seu pai...” A frase que antecedia a apresentação das debutantes ainda lhe ecoa na memória. Entrou com o pai, envergando o vestido de cintura descaída e decote à barco que a mãe escolhera para ela, não obstante a sua desilusão, que sonhava com um cai-cai cheio de roda. Então, outra frase, esta da mãe, assaltou-lhe o pensamento: “Não pises ovos”, recomendara-lhe a matriarca, para que o seu caminhar fosse natural. Maria João só sabe que, à conta do conselho, escorregou duas vezes com os sapatos novos... Seguiu-se a valsa, para a qual não teve aulas — aprendeu em casa, com a mãe, no 1, 2, 3 habitual —, que correu bem. A noite superou todas as suas expectativas. Chegou a casa às 8h da manhã, na companhia de primos — os pais saíram antes. Nos cinco anos seguintes, regressou ao baile do Club, para “voltar a viver aquele acontecimento exclusivo, que ocorre uma vez por ano. É um acontecimento social divertido”, considera. “Se calhar, sentido não tem nenhum, mas lá que é giro é!”, remata. Acredita que o ritual se vai manter. E espera ver a filha debutar.

Da mesma forma, para Ana Maia Pinto, 32 anos, psicóloga numa escola do Porto, o baile de debutantes foi sempre uma tradição familiar inquestionável. “A minha mãe debutou, todas as minhas tias e primas debutaram, e já tenho uma sobrinha que vai debutar este ano”, enumera. “Cresci a ouvir dizer que aos 16 anos iria ter o meu baile de debutante. Todos os anos via os meus pais saírem de casa, arranjados, para irem ao Club”, conta, sorriso simpático e aberto, olhos claros, enquanto ajeita o cabelo que o vento em Serralves teima em despentear. “Depois, foram as minhas primas mais velhas. Lembro-me de ir vê-las vestir-se, chegar do cabeleireiro... Da sensação de não poder tocar no vestido, para não estragar. Quando chegou a minha vez, comeci a pensar no que ia vestir muitos



INÊS BRAVO (AGORA BIANCHI) DEBUTOU EM 1994, POR INFLUÊNCIA DA IRMÃ MAIS VELHA, MAFALDA. ADOROU AS AULAS DE DANÇA E A VALSA COM O PAI. FOI ELA QUE ENSINOU O MARIDO A DANÇAR, PARA O CASAMENTO DOS DOIS



MARIA JOÃO OLIVEIRA, 35 ANOS, DEBUTOU EM 1990, NO CLUB PORTUENSE. TODAS AS MULHERES DA SUA FAMÍLIA DEBUTARAM. PARA ELA, O DEBUTE É UMA “CONVERSA DE NATAL”. ADOROU O SEU BAILE. NUNCA TINHA VISTO TANTA GENTE



ANA MAIA PINTO A PSICÓLOGA, DE 32 ANOS, CONTINUA A FREQUENTAR O CLUB, ONDE DEBUTOU COM OS PAIS. ACREDITA QUE É PELO AMBIENTE FAMILIAR QUE AQUELE SÍTIO EXCLUSIVO, RESERVADO AOS SÓCIOS, É ESPECIAL

FOTOGRAFIAS DE ANA BAIAO

**MARIA MANUEL ORTI-
GÃO DE OLIVEIRA**
DEBUTOU A 9 DE JANEI-
RO DE 1960, NO CLUB
PORTUENSE, COM 17
ANOS. “NÃO SE PUNHA
A HIPÓTESE DE EU NÃO
DEBUTAR”, EXPLICA.
“EU NASCI, E COMIGO
NASCEU A IDEIA
DO DEBUTE”



**“Na altura, só
uma determina-
da classe debuta-
va. Hoje, não há
o mesmo rigor”**

meses antes. Contactámos uma prima estilista, e, como eu sabia exactamente o que queria, lá consegui fazer um vestido com um decote que deixava os ombros de fora.” Também nessa noite as primas foram vê-la. O ritual repetia-se, mudavam as protagonistas. A avó pôs-lhe a *écharpe* fúcsia que escolhera para a diferenciar das demais... “Lembro-me de estar muito feliz na noite do baile. Saímos todos, eu e o meu pai muito unidos, e, segundos antes de entrarmos no salão para ser apresentada, ele contou-me uma piada ao ouvido para eu descontrair. O momento da valsa com o meu pai foi talvez o mais forte para mim. Depois, dancei a noite toda, até às 7h da manhã.” Maria João não associa o baile de debutantes a um acto elitista — ela andou na escola pública, e boa parte da sua turma também debutou. “O Club Portuense faz parte de uma grande família. Continuo a frequentá-lo, com os meus pais, em jantares.”

Maria Manuel Ortigão de Oliveira partilha a mesma opinião. Para ela, o segredo do Club é o ambiente familiar que proporciona. “É o único sítio onde vejo toda a gente em família, os avós com os tios e os jovens em festa, sem acharem uma seca”, diz. Debutou a 9 de Janeiro de 1960, um sábado, quando

tinha 17 anos. “Não se punha a hipótese de não debutar. Eu nasci, e comigo nasceu a ideia do debute”, conta ela, que era a única menina. “Na altura, só uma determinada classe debutava. Hoje, não há o mesmo rigor.” Aos 66 anos, mãe de quatro filhos e avó de seis netos, viu as duas filhas debutarem e ainda uma das netas, este ano. “A outra, de 12 anos, também queria quando viu o vestido da irmã”, ri-se. “É uma noite maravilhosa, com toda a gente muito bem vestida.” Para o seu baile, não teve aulas de dança. “Nós sabíamos dançar, não precisávamos de aprender a valsa. Antigamente, no dia a seguir ao debute, íamos comer os restos ao Club, ao lanche. Era quase mais divertido que o baile!”

Maria Manuel foi muitos anos ao baile do Club — ainda hoje vai —, sempre com o mesmo vestido preto. O debute da filha, viveu-o como se fosse o dela. Deixou-a escolher quase tudo. “Trabalho, só deu a minha neta Benedita, que não queria ir. Debutou com o vestido de casamento da tia. Depois, adorou. Acabou, às 6h da manhã, na pastelaria Rainha da Foz (outra tradição do Porto), a tomar o pequeno-almoço de vestido de gala. Que significado tem o baile de debutantes? É um dia diferente.” ■